

CATÓLICO
ASPECTOS DO MISTÉRIO



Organização: Rudy Albino de Assunção

- *Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal*, Hans Urs von Balthasar
- *Maria para hoje*, Hans Urs von Balthasar
- *A Verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, Hans Urs von Balthasar
- *A oração contemplativa*, Hans Urs von Balthasar
- *Liberar a liberdade: fé e política no terceiro milênio*, Joseph Ratzinger
- *A grande esperança: textos escolhidos sobre escatologia*, Joseph Ratzinger
- *Deus no espaço público: escritos sobre Europa, política, economia e cultura*, Joseph Ratzinger
- *No princípio está a communio: textos selecionados sobre Eucaristia, eclesiologia e mariologia*, Joseph Ratzinger
- *Deus, eternamente jovem e surpreendente: textos escolhidos sobre Trindade e cristologia*, Hans Urs von Balthasar
- *O mistério ardente da glória do amor: textos selecionados sobre eclesiologia, mariologia e estética*, Hans Urs von Balthasar
- *Católico: aspectos do mistério*, Hans Urs von Balthasar
- *Santidade e testemunho: escritos escolhidos sobre teologia e espiritualidade*, Hans Urs von Balthasar

HANS URS VON BALTHASAR

CATÓLICO

ASPECTOS DO MISTÉRIO



Tradução: Ney Vasconcelos de Carvalho



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Copyright: *Katholisch. Aspekte des Mysteriums* (1975, ³1993). ©Johannes Verlag Einsiedeln, Freiburg.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Assistente editorial: *Cristiane Barbosa Cardoso*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Cícera Gabriela Sousa Martins*

Coordenação de design: *Elisa Zuigeber*

Capa e diagramação: *Leonardo Cerretti*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Balthasar, Hans Urs von, 1905-1988

Católico : aspectos do Mistério / Hans Urs Von Balthasar ; tradução de Ney Vasconcelos de Carvalho.
- São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Fides Quaerens)

ISBN 978-85-349-5251-4

Título original: *Katholisch*

- I. Igreja Católica - Doutrinas - Obras populares I. Título
- II. Vasconcelos, Ney III. Série

23-5617

CDD 230.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica - Doutrinas - Obras populares



Conheça o catálogo **PAULUS** acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo **QR Code**.
Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5251-4

SUMÁRIO



7	APRESENTAÇÃO
9	INTRODUÇÃO
19	CATÓLICO
33	IGREJA: MISSÃO E ESTRUTURA
47	COMUNHÃO DOS SANTOS
67	APOSTÓLICA
79	<i>INCARNATUS EST</i>
87	<i>OIKOUMENE</i>

APRESENTAÇÃO



Aspectos, panoramas, *aperçus*, alinhamentos desarticulados, sem sistemática ou pretensão de totalidade. Quem procura algo assim pode explorar Josef Neuner, *Die Weltkirche. Die Katholizität der Kirche im Missionswerk* (In: Holböck-Sartory, *Mysterium der Kirche*, 1962); ou M.-J. Le Guillou, *Mission et Unité*, 2 vols., 1960 (em alemão: *Sendung und Einheit*, 1964); ou Wolfgang Beinert, *Um das dritte Kirchenattribut. Die Katholizität der Kirche etc.*, 2 vols., 1964 (com vasta bibliografia); ou, enfim, lançar mão daquela obra genial que significou uma abertura ao novo pensamento católico: o livro *Catholicisme*, de Henri de Lubac (surgido primeiramente em 1936, e várias vezes ampliado; em alemão: *Glauben aus der Liebe*, 3. ed. 1992).

Nossa preocupação, aqui, se limitará apenas àqueles aspectos que distinguem o mistério da Igreja católica (romana) das demais confissões cristãs; àquilo, enfim, sobre o que os católicos normalmente menos gostam de falar nos diálogos ecumênicos, procurando depreciá-los como os menos dignos de consideração. O contrário, ou seja, mostrar como eles são, muitas vezes, centrais, pode ser feito de duas formas: de um modo “contrarreformatório”, que coloca polemicamente proposição contra proposição, ou de um modo verdadeiramente católico, que procura pensar a partir do mistério que é afirmado em comum e, a partir dele, mostra aquilo que é especificamente católico, de tal modo que o interlocutor consiga, também a partir do seu ponto de vista, perceber a íntima conexão. Nem “controvérsia”, portanto, nem diplomática “concordância”, nem um “manifesto confessional” neutro, mas um pensamento tal que pode ser chamado de ecumênico justamente porque é católico.

INTRODUÇÃO



I. A SITUAÇÃO ATUAL

O termo “católico” é algo ainda compreensível?

“Católico” é uma qualidade. Significa totalidade, universalidade, e pressupõe, para ser compreendido, uma determinada atitude de espírito. Ainda que a catolicidade da Igreja católica seja, primariamente, uma revelação e uma comunicação da totalidade divina – e que sua recepção na esfera humana seja, primariamente, uma graça –, uma época histórica específica pode, todavia, ser pura e simplesmente exigida demais por essa graça, e esse parece ser o caso da nossa.

Para nós, a eficiência está na parte, no “partido”; a alternativa a isso é um cosmopolitismo de uma tolerância ineficiente. A qualidade caminha junto com a parte, a totalidade junto com a ausência de definição; deve-se observar se uma boa parte do nosso ecumenismo não acontece com o sacrifício da qualidade (para o mundo antigo, *oikoumene* era a circunscrição geográfica do mundo habitado, a cosmópolis), se ele não se assemelha um pouco ao sincretismo religioso da Roma pré-cristã.

A *Catholica* é etiquetada, para fins de distinção, como “católica romana”, ou seja, como um clã ao lado de outros, e não deixa de ser escandalosa a sua resistência a se deixar colocar elegantemente na lista do Conselho Ecumênico das Igrejas (a universalidade que é compreensível hoje). Além disso, o atributo “católico” está, hoje, tão desgastado, que toda confissão cristã que conserva o antigo credo reivindica-o para si e o interpreta de acordo com seu próprio entendimento.

A *Catholica* apresenta certa pretensão que mal pode ser considerada como algo válido em meio aos pressupostos atuais, ainda que seja verdadeiro o fato de que essa pretensão tenha suscitado escândalo em todas as épocas: a pretensão de possuir uma relevância universal mesmo sendo uma forma histórica e sociologicamente determinada. Isso parece loucura, arrogância e intolerância aos olhos do homem moderno.

II. O TODO NO FRAGMENTO

A pretensão da *Catholica* foi melhor compreendida em épocas que possuíam uma imagem de mundo verticalmente graduada. Nossa época, por sua vez, é marcada pela mentalidade científica, que – totalmente legítima em seu âmbito – procura explicar todos os fenômenos de um modo horizontal/quantitativo, abordando-os com o intuito de torná-los compreensíveis e reconstituíveis. Em oposição a isso, a graduação vertical significa o seguinte: uma totalidade, por exemplo, a alma humana, pode se mostrar através de uma grande variedade de membros do corpo, de modo que cada um desses membros só pode existir e ser aquilo que de fato é através da totalidade que está acima dele: uma mão, por exemplo, não é um aparato qualquer, apropriado para agarrar objetos, mas uma mão humana. Se ela pudesse pensar, entenderia que faz parte do órgão expressivo de uma totalidade que está acima de cada membro particular.

Essa é apenas uma metáfora insuficiente, pois a Igreja não permanece numa relação de um membro com o seu princípio vivificante, nem de um corpo inteiro com a sua alma espiritual, mas essa alegoria é, em todo caso, empregada por Paulo como uma ajuda para a sua compreensão. Por que razão um princípio verdadeiramente universal resolve escolher um organismo particular intramundano como seu corpo expressivo (exclusivo e inclusivo)? – esse é um assunto que nos ocupará mais adiante.

Por enquanto trataremos apenas do “ver” ou “não (mais) conseguir ver” que algo anteposto (hierarquicamente) é capaz de dar forma a uma diversidade a ele subordinada, de tal modo que eleve essa

diversidade à sua unidade sem despojá-la de suas características particulares. Um princípio formal se efetiva em figura material.

O princípio formativo que molda a Igreja permanece um mistério divino, que, em última instância, pode ser aceito apenas pela fé: Deus presente de tal maneira num homem (Jesus Cristo), que Este represente real e eficazmente toda a humanidade; por meio de sua cruz e ressurreição, Ele reconcilia o mundo com Deus. Isso nos leva ao escuro: o que está, de fato, acontecendo naquela cruz? O que é ali experimentado e suportado? (Ninguém jamais pôde respondê-lo.) E como a Igreja é informada através desse acontecimento (“fui com Cristo crucificado”, “vós ressuscitastes com Cristo”), desse evento em que ela não se coloca arbitrariamente, mas através do qual é constantemente feita naquilo que é? (Também aqui ninguém pode responder.) A *Catholica* não existe de outra maneira, senão na medida em que crê no Mistério, cuja expressão ela é, e procura corresponder a essa fé dando testemunho desse Mistério na palavra e na vida. Ela não possui a medida da sua catolicidade – aquela que lhe confere sua forma – em si ou a partir de si mesma, mas acima de si: no mistério de Cristo. Mas isso também não pode ser isolado do testemunho da *Catholica*.

III. O TESTEMUNHO INVEROSSÍMIL

O testemunho da *Catholica* é algo profundamente oculto, tão oculto quanto o Mistério de que ela dá testemunho. Se alguém perguntar a qualquer classe do ensino superior, seja no Ocidente ou no Oriente, o que eles entendem pelo termo “católico” e a que o associam, irá logo perceber. Inquisição, pilhagem e coisas semelhantes. A Igreja (em seu mais fraco documento conciliar) “abençoou” a *mass media*, mas seria ela realmente capaz de expor diante de fulano e beltrano o seu mistério mais intrínseco, o único capaz de torná-la fidedigna? Não seria inevitável, nesse contexto, que ela fosse obrigada a se mostrar, no melhor dos casos, numa forma secundária, alienada e moralista (introvertida)? E não estaria assim, todavia, fazendo propaganda ao invés de missão?

Nesses planos secundários, a *Catholica* acaba aceitando implicitamente o papel de uma “igreja” ou sociedade religiosa entre outras. E não será isso, afinal, um fato, na medida em que ela, ao longo de sua história, acabou se desintegrando em inúmeras igrejas – pré-calcedônica, ortodoxa, reformada, anglicana etc. –, cada uma das quais afirmando dar o testemunho mais próximo do autêntico? Quem, no entanto, que não tenha se fascinado pelo Mistério em algum outro lugar, não fica desalentado diante dessas diferenças, uma vez que a *Catholica* teria, de fato, de ser reconhecida exteriormente por aquilo que Ele perdeu: “Que sejais um, como eu e o Pai somos um”?

E no interior da Igreja católica romana, as polarizações pós-conciliares. Esquerda/direita, progressistas/conservadores. Dissolução de formas supostamente entorpecidas ou inertes até uma completa ausência de formas, ou a conservação dessas formas até que elas, de fato, cheguem ao entorpecimento. Nenhum dos lados consegue substituir aquilo que promete a permanência, oferecendo apenas colagens precipitadas e, de cara, já envelhecidas. (É difícil afirmar se aqui se trata de uma incapacidade epocal de forjar uma forma genuína ou de uma particular incapacidade cristã: como são efêmeros, hoje, quase toda a arte cristã, os cantos da Igreja e o discurso litúrgico!) O Barroco pós-Reforma mostra que, de um ponto de vista cristão, as coisas não teriam de ser assim.

As diversas seitas separadas da *Catholica* acabaram sempre exportando uma parte de sua vivacidade – às vezes conservando a tradição autêntica, outras vezes reatando presumidamente os vínculos com as origens –, e favorecendo, com isso, a ideia de que da Igreja católica não tenha sobrado mais que um esqueleto sem carne, uma carcaça, uma instituição, puro *Establishment*. As polarizações internas reforçam essa impressão, uma vez que a acentuação enfática dos extremos manifesta uma grave falta de vitalidade do centro, que é o único capaz de manter unidas as extremidades. Quem dará credibilidade a um testemunho que se desintegra em meio a polêmicas, quando este quer se fazer passar por um testemunho para a totalidade?

IV. KENOSE

O regato, que, na visão de Ezequiel, escorria de sob o limiar do Templo e, em seguida, veio a se transformar em uma torrente impossível de ser atravessada, era inicialmente um filete d'água. Da ferida aberta do lado de Jesus também não escorreram mais do que algumas gotas. A torrente da *Catholica* deve retornar a uma ausência de forma, como em sua origem, para poder, então, regenerar-se? E enquanto isso, seu testemunho deve se tornar um testemunho silencioso, para que, a partir da reconquista de um novo centro e missão, adquira uma nova forma, digna de fé? Ou deve-se demolir toda e qualquer forma?

Houve, na vida de Jesus, um momento de pausa, de *peripetie* (os Evangelhos sinóticos ordenam todo o seu relato em direção a esse momento), em que a sensação causada por suas palavras e seus milagres, e o entusiasmo das multidões atingem o seu grau de saturação, enquanto a crescente oposição dos líderes judaicos desemboca na decisão de levá-lo à morte. Desse momento em diante, Jesus lança um “olhar fixo” na direção de Jerusalém, arrastando atrás de si os seus discípulos, atônitos e a resmungar, e totalmente consciente do que o aguardava.

Paulo experimenta a mesma *peripetie*, ao se lançar a caminho de Jerusalém, a despeito de todos os avisos no sentido contrário, e enquanto o Espírito lhe adverte que complôs e tormentos ali o aguardam.

Por que não deveria chegar a hora da Igreja, aquela sua hora na história do mundo? E por que não seria hoje? E sua descida às profundezas teria de ser feita com passos tão resolutos quanto naquela primeira subida, do Senhor, a Jerusalém. Uma angústia interior não lhe seria poupada: também o seu Senhor a conheceu. Ela pode vir a coincidir com aquela outra espécie de angústia, a da humanidade diante de sua autodestruição e do aniquilamento do *phylum*, a partir do qual vive. Talvez a Igreja seja obrigada a acompanhar a humanidade em seu caminho rumo ao cadafalso, e talvez uma companhia como essa seja, justamente hoje, particularmente indesejável por parte da humanidade. A brutalidade dos fatos com que esta se ocupa totalmente soa muito mal junto com a referência a uma Verdade transcendente. Esta última acaba tendo o efeito de uma distração.

V. A TRANSFORMAÇÃO DA ANGÚSTIA

A angústia sufoca o homem impiedosamente. Ela abarrota os consultórios dos psiquiatras, povoa os manicômios, eleva as taxas de suicídio, detona os explosivos e deflagra as guerras frias e quentes. Procura-se, de todas as formas, arrancá-la da alma como uma erva daninha: seja através de um otimismo anestesiante, de filosofias que pregam uma esperança forçada, ou de um fácil acesso a todo tipo de estimulantes, da absorção do instinto nômade pela indústria do turismo, de um convite a toda forma de autoalienação.

Alguns outros pregam, de fora, que deveríamos confiar, “consolados”, em Jesus, mas o consolo permanece do lado de fora.

A experiência católica não acaba com a angústia, mas a transforma. Uma vez que o evento da cruz está realmente presente na Eucaristia e na absolvição dos pecados, então está presente igualmente sua angústia, aquela do acúmulo e superação de toda a angústia do mundo. A angústia vicarial, oferecida por Deus para vencer a angústia do pecador.

Os vaticínios de Jesus à Igreja são uma constante alternância de fatos terríveis (diante dos quais só é possível o temor: “Como ovelhas entre lobos!”) e encorajamentos para que a angústia seja superada, pois foi dada por Deus: “Não se perturbe o vosso coração! Crede em Deus, crede também em mim” (Jo 14,1); “Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria” (Jo 16,20). A mulher grita na angústia do parto, e a *Catholica* permanece junto ao seu Senhor, em serviço de parto pelo mundo. E justamente aos representantes da Igreja – os santos, por um lado, as autoridades, do outro – não é poupada a angústia; e eles não podem tentar se esconder atrás de nenhuma roupagem de “representação”. O medo compreensível de que o testemunho venha a se tornar imperceptível não deve levar ao exagero oposto, o de utilizar os alto-falantes mundanos para tornar esse testemunho inconfundível. “Ele não discutirá nem clamará; nem sua voz nas ruas se ouvirá” (Mt 12,19). Teólogos barulhentos e estrelas católicas televisivas são, hoje, particularmente inverossímeis, e conseguem não passar de “tremendos simplificadores”.

A angústia da Igreja, de deixar-se despojar, permanece entre a angústia da cruz e a angústia da humanidade. O cristão individual não pode ficar indiferente a essa angústia: ele não pode fugir diante dela, como se fosse algo que tivesse a ver apenas com “especialistas” e “funcionários”; como se se tratasse meramente de uma inquietação supérflua no clero, em sua luta por “identificação social”.

VI. PERDA DO SUJEITO GLOBAL

Apenas “em união com todos os santos” podemos “compreender qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo o conhecimento, para que sejais plenificados com toda plenitude de Deus” (Ef 3, 18s). Assim, ninguém é capaz, por si só, de medir o elemento católico. Nenhum teólogo faz suas reflexões a partir de si mesmo, e nenhum fiel ora, sofre ou vive isoladamente em seu centro. Se algum cristão experimenta isso de um modo verdadeiro, sabe, então, que tem de se adaptar à Igreja e ser confirmado em suas articulações espirituais. Somente ela pronuncia o *fiat* pleno, somente ela é a Sede da Sabedoria; penetrando em seu centro abrem-se as almas, fechadas e desesperadas em si mesmas.

Nós simplesmente participamos da piedade da Igreja, assim como de sua fé: dela nós bebemos, vivemos e nos movemos; ninguém pode possuí-la integralmente. Uma vez, porém, que por mil razões os tradicionais laços de comunhão desmoronam, ficam cada vez mais raros os portadores daquela comunhão. Procura-se, então, tanto quanto possível, sobrecarregar cada consciência individual com o Todo, comprimindo-o, tanto quanto possível, no pequeno espaço vital do indivíduo. Não sendo isso exequível, sublima-se, então, o conteúdo em abstrações e teorias que não tocam mais a nossa vida e muito menos a formam; na prática, torna-se algo indistinto, apenas mordiscado e petiscado, que se experimenta ocasionalmente enquanto se arrasta consigo. Por essa razão, avançam, de modo cada vez mais perceptível, a rarefação e a fadiga na vida individual do cristão, aquele sobrepeso de programas e exigências. Não se pode mais participar desde as raízes,